

**SOBRE ESTA EDIÇÃO – NOTA DOS EDITORES**

Prezado leitor, gostaríamos de informar que esta 6ª edição do Jornal InFoco é especialmente voltada para Comemoração ao Dia da Consciência Negra. A ideia foi sugerida pela Intérprete em Libras do Câmpus Paranavaí, Elizete Cruz e prontamente apoiada pelos editores e colaboradores do InFoco. Em homenagem a este dia, convidamos alguns professores para escreverem matérias relacionadas ao assunto, com três temas: cor da pele na espécie humana, influência do negro na arte brasileira e religiões afro-brasileiras. Além disso, divulgamos e publicamos a poesia e charge dos alunos vencedores do Concurso de charge e poesia para a Semana da Consciência Negra, organizado pela Seção Pedagógica do Câmpus. Antes, contudo, abrimos a edição com uma breve explanação sobre o Dia da Consciência Negra. Boa leitura!

**SOBRE O DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA**

O **Dia da Consciência Negra** é comemorado em **20 de Novembro** em todo o país. A data homenageia o Zumbi, um escravo que foi líder do Quilombo dos Palmares. Zumbi morreu em 20 de Novembro de 1695.

No dia da Consciência Negra o objetivo é fazer uma **reflexão sobre o relevo da cultura e do povo africano** e o impacto que tiveram na evolução da cultura brasileira. Sociologia, política, religião e gastronomia entre várias outras áreas, foram profundamente influenciadas pelas culturas negra e africanas. É dia de comemorar e mostrar profundo apreço pela cultura afro-brasileira.

**Origem do Dia Nacional da Consciência Negra**

O **Dia da Consciência Negra** foi estabelecido pelo projeto Lei nº 10.639, no dia 9 de janeiro de 2003. No entanto, apenas em 2011 a presidente Dilma Roussef sancionou a Lei 12.519/2011 que cria a data, sem obrigatoriedade de feriado.

**Quando tudo aconteceu...**

**1600:** Negros fugidos ao trabalho escravo nos engenhos de açúcar de Pernambuco, fundam na serra da Barriga o quilombo de Palmares; a população não pára de aumentar, chegarão a ser 30 mil; para os escravos, Palmares é a Terra da Promissão. - **1630:** Os holandeses invadem o Nordeste brasileiro. - **1644:** Tal como antes falharam os portugueses, os holandeses falham a tentativa de aniquilar o quilombo de Palmares. - **1654:** Os portugueses expulsam os holandeses do Nordeste brasileiro. - **1655:** Nasce

Zumbi, num dos mocambos de Palmares - **1662 (?)**: Criança ainda, Zumbi é aprisionado por soldados e dado ao padre Antônio Melo; será batizado com o nome de Francisco, irá ajudar à missa e estudar português e latim. - **1670:** Zumbi foge, regressa a Palmares. - **1675:** Na luta contra os soldados portugueses comandados pelo Sargento-mor Manuel Lopes, Zumbi revela-se grande guerreiro e organizador militar. - **1678:** A Pedro de Almeida, Governador da capitania de Pernambuco, mais interessa a submissão do que a destruição de Palmares; ao chefe Ganga Zumba propõe a paz e a alforria para todos os quilombolas; Ganga Zumba aceita; Zumbi é contra, não admite que uns negros sejam libertos e outros continuem escravos. - **1680:** Zumbi impera em Palmares e comanda a resistência contra as tropas portuguesas. - **1694:** Apoiados pela artilharia, Domingos Jorge Velho e Vieira de Mello comandam o ataque final contra a Cerca do Macaco, principal mocambo de Palmares; embora ferido, Zumbi consegue fugir. - **1695, 20 de Novembro:** Denunciado por um antigo companheiro, Zumbi é localizado, preso e degolado.

Fontes: <http://www.calendarr.com/brasil/dia-nacional-da-consciencia-negra/>;  
[http://www.planalto.gov.br/seppir/20\\_novembro/apres.htm](http://www.planalto.gov.br/seppir/20_novembro/apres.htm)

**O QUE DEFINE A COR DA NOSSA PELE?**

A cor da pele é uma característica determinada por uma herança quantitativa genética, que é um tipo de herança na qual participam dois ou mais pares de genes com segregação independente, resultando em um efeito acumulativo dos vários genes envolvidos, cada um contribuindo com uma parcela para a formação da característica. Possui esse nome (quantitativa) porque o fenótipo é determinado, entre outros aspectos, pela quantidade que um indivíduo apresenta de um determinado gene expressivo. O aspecto que diferencia este tipo de herança é a variação contínua ou gradual, o que significa que entre os extremos (negro e branco) existem diversos fenótipos intermediários.

No caso da espécie humana, a característica de cor da pele parece ser controlada por dois pares de genes alelos, sendo que alelos representados por letras maiúsculas (A e B) determinam a produção de grande quantidade de pigmento melanina nas células da pele, enquanto os alelos representados por letras minúsculas (a e b) levam a produção de menor quantidade de pigmento. A interação entre os quatro tipos proporciona efeitos variados. Quanto maior a proporção de genes A e B e menor de genes a e b,

maior a quantidade de pigmentação, sendo a epiderme mais escura.

Os cientistas atribuem cinco categorias de coloração da pele humana: negro, mulato escuro, mulato médio, mulato claro e branco, contudo as denominações para o fenótipo cor da pele humana usados em genética como de mulato claro e médio, possuem diferente conotação social dependendo da cultura do país de origem do indivíduo. Na cultura brasileira, por exemplo, os mulatos claros são chamados de *brancos*, assim como os mulatos médios de *morenos claros*, e os mulatos escuros sem características fisionômicas da etnia negra também são chamados de *morenos*.

É importante considerar a influência do ambiente na determinação da cor da pele em seres humanos, contudo, geneticamente, esse fator é determinado no momento da concepção.



Autor(a): Alessandra Valéria de Oliveira  
Professora de Biologia do Instituto Federal do Paraná

## IMAGENS DO NEGRO NA ARTE BRASILEIRA

A artista e doutoranda em Artes Visuais Renata Felinto no artigo intitulado **O negro na história da arte nacional**, traça um panorama da presença do/a negro/a ao longo da produção artística brasileira, mostrando como este sujeito está presente, seja como representado ou representador.

A autora divide as formas de representação do/a negro/a em três momentos distintos, são eles: **o documental, o social e o intimista**.

O período **documental** compreende os séculos XVII, XVIII e XIX e se caracteriza por uma produção focada nos elementos constitutivos do Brasil colônia, tido como desconhecido, encarado como exótico e novo. São representadas a geografia, a fauna, a flora, a população, modos e costumes brasileiros.

Parte significativa das obras é de autoria de artistas estrangeiros, viajantes, que tem como função principal registrar a realidade da nova terra. Entre os principais pintores, Renata destaca os holandeses **Frans Post** (1612 – 1680) e **Albert Eckhout** (1610 – 1666), que vieram para Pernambuco com Maurício de Nassau e tinham responsabilidades artísticas documentais específicas. A responsabilidade de Post era pintar edifícios, portos, fortificações e paisagens, como esta da obra acima da Vista de Itamaracá. Em suas obras o negro não é central, sendo retratado como elemento constituinte do cenário. Já Eckhout assume a função de pintar, além da fauna e flora, os tipos humanos. Como nas obras de 1641, Homem Negro e Mulher Negra, nas quais representa negros/as brasileiros/as como se fossem africanos/as da região de Angola ou da República Democrática do Congo, o que os distancia dos/as escravizados/as que o pintor entrou em contato no Brasil.

Entre os artistas barrocos, destaca **Manoel da Costa Athayde** (1762 – 1830). Nos quadros desse artista, o/a mestiço/a conquista relevância, prática que será percebida entre outros artistas dessa escola. No teto da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto, Minas Gerais, por exemplo, encontramos uma pintura de Nossa Senhora de Porciúncula com traços negroides nos lábios e nas narinas, embora o tom da sua pele oscile entre tons rosáceos e terrosos. Segundo Renata Felinto, especula-se que a inspiração do artista venha de seus filhos e mulher mestiços.

**Jean Baptiste Debret** (1768 – 1848), que faz parte da Missão Artística Francesa, é um dos autores cujo trabalho, afastado do compromisso com as instituições católicas, passa a representar o/a negro/a como principal objeto de interesse em situações de trabalho escravo e nas relações cotidianas entre senhores/as e cativos/as.

O alemão **Johann Moritz Rugendas** (1802 – 1858), contratado pela expedição russa Langsdorff, que se aventurou por 17 mil km do território nacional, traz em suas aquarelas o/a negro/a em uma espécie de crônica no Rio de Janeiro.

**Arthur Timotheo da Costa** (1882 – 1922) é um dos poucos negros a retratar seus contemporâneos no século XIX. É formado pela Academia Imperial de Belas Artes, e em suas pinturas o/a negro/a deve ser estudado pelas suas linhas, formas e cores.

Dois fotógrafos também ganham destaque no período, são eles **Christiano Junior** (1832 – 1902) e o carioca **Militão Augusto de Azevedo** (1840 – 1905). O primeiro montou cenas em seu estúdio fotográfico nas quais os/as escravos/as representavam seus próprios ofícios, sobretudo os/as negros/as de ganho. Tais composições eram transformadas em *cartes de visite*, imagens comumente compradas como *souvenirs* de viagem. Já com o ateliê defronte da Igreja Nossa Senhora do Rosário, frequentada por negros/as, Militão fotografou inúmeras dessas famílias dignamente trajadas.

Já no início do século XX, o/a negro/a se torna sinônimo de brasilidade e despontam as representações qualificadas como de caráter **social**, na qual o/a negro/a ora assume o seu passado de escravizado, ora o caráter de sujeito, indivíduo.

Nessa escola, encontramos os modernistas **Alfredo Volpi** (1896 – 1988), **Cândido Portinari** (1903 – 1962) e o lituânio **Lasar Segall** (1891 – 1957), que ressaltam em suas pinturas a situação social e a individualidade do/a negro/a.

É também neste período histórico, comenta Renata, que os/as negro/as emergem no cenário artístico nacional e internacional e mesmo sem uma formação acadêmica passam a retratar o próprio povo. Os principais nomes que marcaram este momento são **Heitor dos Prazeres** (1898 – 1966), **Sérgio Vidal** (1945) e **Agnaldo Manuel dos Santos** (1926 – 1962).

Nos anos 1990 do século passado, ocorre o período **intimista** e os trabalhos que assumem uma qualidade “macro biográfica”. Como explica Renata, autores como **Eustáquio Neves** (1955) e a paulistana **Rosana Paulino** (1967) contam, por meio de seus quadros e ilustrações, histórias das próprias famílias que são universais e se adequam em trajetórias de todos/as os/as negros/as.



Adaptado por Vinícius Stein a partir do texto **O negro na história da arte nacional**, de Renata Felinto. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1763>.

## AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS: BREVE EXPLANAÇÃO

De certa forma, quando se pensa em religiões afro-brasileiras algumas verdades e inverdades constituem essas crenças. Um ponto forte em comum entre as nações de candomblé é o elemento mágico. Para Prandi, (2003, p.22), “Ambas pressupõem o conhecimento e o uso de forças sobrenaturais para intervenção neste mundo, o que privilegia o rito e valoriza o segredo iniciático”.

Geralmente as religiões de origem africana se organizam em terreiros – que são os templos – para realizarem seus rituais sagrados. O povo de santo, os seguidores, mantém em sua organização a ideia de uma grande família que se reúne para celebrar. Segundo Prandi (2009), todos os que seguem uma religião de matriz africana são chamados povo de santo. *Orixá*, proveniente da língua iorubá, ganhou a livre tradução de “santo”. O candomblé também é uma forma de reproduzir antiga família que se perdeu, no Brasil, com a escravidão. A hierarquia na religião segue a de uma constituição familiar, ou seja, “pai” e “mãe” estão acima dos outros membros e a eles se devem respeito.

Diferentemente das religiões cristãs que possuem em seu “panteão” figuras e limites definidos para o bem e o mal, o candomblé, em especial, “que está mais perto do pensamento africano que a umbanda, o bem e o mal não se separam, não são campos distintos.” (PRANDI, 2003, p.23).

Outro ponto interessante a ressaltar é que no candomblé, tendo em vista sua formação familiar que, no Brasil, foi destruída pela escravidão, há níveis de aprendizagem, muito próximo das fases da vida. A infância, por exemplo, aproxima-se do período de iniciação. Ao iniciado são imputadas várias atividades concernentes ao aprendizado que segue uma hierarquia e marca a relação com o *Ori* (cabeça) orixá que cada pessoa tem.

Cada filho tem uma ligação muito importante com seu orixá. Trabalhar para que esse elo aconteça e permaneça em harmonia é um dos preceitos primordiais para o povo de santo. Há obrigações que devem ser cumpridas para agradar o orixá que possui um lugar especial dentro do Candomblé, pois os ritos, as comidas, a convivência e as obrigações dos filhos são em prol dos orixás que se aproximam muitos de nós, seres humanos vivos. O orixá precisa ser vestido, cultuado, receber comidas que lhe agradem. Por isso, o povo de santo faz, aos orixás, os *ebós* que são oferendas ou sacrifícios. Não tem nada a ver com gente morrendo. Isso não é candomblé ou umbanda. Sacrifícios humanos, além de crime, são atitudes de seitas macabras, ocultas. No caso do candomblé, por

exemplo, sacrifício pode ser entendido como a morte de uma galinha para que se faça uma galinhada ao santo e ao povo de santo.

Muitos nomes relacionados ao universo candomblista têm como fonte os mitos Yorubás ou nação Queto, justamente os ressaltados por Jorge Amado em suas obras e, possivelmente, por isso, são os que atingiram a população com maior amplitude. Mas o Candomblé traz de suas origens africanas outras influências como as dos povos Jeje e Bantu ou nação de Angola.

A condição de falta de história escrita da cultura africana em geral possui pelo menos dois pontos importantes. O primeiro deles se deve ao fato de que ao entrar em contato com o solo brasileiro, a cultura religiosa do Candomblé sofreu fortes modificações, ainda mais sendo a religião “herética” do outro, o duplamente explorado e, por isso, outremizado, visto que era arrancado de sua terra e trazido para ser torturado na condição escrava.

O segundo ponto interessante é que há que se lembrar do valor da oralidade. Segundo o Prof. Dr. Sérgio Paulo Adolfo (2000), a oralidade é o suporte maior para todo o ensinamento de origem africana. Sendo assim, a possibilidade de registro no sentido escrito da palavra é bastante dificultada.

Tendo em vista a perseguição que se iniciou a todo aquele que não expressasse a religião oficial do Brasil, que por muitos anos foi o Catolicismo, o povo de santo teve de se camuflar e, em uma saída bastante estratégica, de sobrevivência, acabou por agregar elementos da religião católica para evitar maiores confrontos sociais e policiais. Assim, não é incomum ouvir que Santa Bárbara e Iansã, por exemplo, seria a “mesma” entidade, caso esse muito bem aproveitado por Dias Gomes em *O pagador de promessas*.

Ocorre que o candomblé perdeu, gradativamente, essa “necessidade” de elo com o catolicismo e começou, aos poucos, a reforçar a ligação com a origem: a cultura africana. Já a umbanda que “nasceu num processo de branqueamento e ruptura com símbolos e características africanas, propondo-se como uma religião para todos, capaz mesmo de se mostrar como símbolo de identidade de um País mestiço”, (PRANDI, 2003, p.20), ainda mantém esse vínculo.

O importante é, independente da nossa religião ou de nossas crenças, termos a postura de respeito à diferença, no mínimo, se mais do que isso não pudermos, seja por falta de oportunidade de conhecer ou devido à dificuldade em romper com nossos pré-conceitos. Derrubar as barreiras do preconceito só é possível, quando nos dispomos a isso verdadeiramente. E o conhecimento é o melhor aliado. Axé (energia, força, votos de felicidade) a todos!



Autora: Prof.ª. Ma. Bárbara Poli Uliano Shinkawa  
Professora de Português/Inglês do Instituto Federal do Paraná

## Referências

- ADOLFO, Sérgio Paulo. *O mito africano no cotidiano brasileiro: comunicação apresentada no X Congresso da ALADAA*. Rio de Janeiro, 2000.
- PRANDI, José Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 1991.
- PRANDI, José Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. In: *Civitas*. V. 3, n.1. Porto Alegre, 2003, p. 15-33.
- PRANDI, José Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz.; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). *O universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 46-61.
- Disponível em: < <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>>
- Acesso em: 23 abril. 2014.

## RELIGIOSIDADE AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: IDENTIDADE E ORIGINALIDADE

As práticas mágico-religiosas são os fenômenos por meio dos quais os homens entram em contato com entidades sobrenaturais, espíritos, deuses e ancestrais. Esse era um aspecto central da vida dos africanos e que passou a ser também na vida de seus descendentes. De acordo com a cosmologia iorubá, cada orixá influencia ou rege os diversos domínios da vida e da natureza.

Nas culturas africanas e afro-americanas tanto a **magia** - crença na possibilidade de interferir na vida material por meio do uso de forças sobrenaturais -, quanto a **religião**, que remete a sistemas filosóficos, orientações/especulações do espírito e da fé, são duas concepções que se inter-relacionam formando um sistema de explicação das coisas deste mundo e do sobrenatural, que possibilitam uma vida mais integrada. Na religião dos orixás existe uma associação mágica que articula as ações humanonaturais com as forças sobrenaturais.

No Brasil, um conjunto de práticas e crença mágico-religiosas de matrizes africanas deram origem aos candomblés, cujas primeiras referências literárias aparecem no século XIX. O termo candomblé pertence à língua banto, mas no Brasil se refere aos cultos religiosos de origem iorubá e daomeana.

No candomblé, as principais entidades sobrenaturais são conhecidas por orixás[1], quando a maior influência é da civilização iorubá; quando a influência maior é da civilização daomeana, são os voduns que são cultuados e reconhecidos como sobrenaturais. Voduns e orixás são entidades ancestrais e heróis elevados à divindade e cultuados como fundadores de linhagens, reinos e cidades-estados. Segundo Roger Bastide, "nota-se que em todos eles, os deuses, sejam Voduns ou Orixás, acham-se em estreita correspondência com os santos católicos" (BASTIDE, 1971, 361).

Além do aspecto fundacional, é atribuído a eles toda a orientação das ações humanas ao longo da vida terrena. Os orixás se comunicam por meio de babalorixás mediante o culto de possessão, abrindo, através deste, o contato direto com o sobrenatural em busca de orientações e soluções para os mais diversos problemas da vida cotidiana.

Uma informação interessante de se ressaltar é que antes do século XIX os candomblés foram chamados de calundus principalmente na Bahia.

Na África, grande parte dos orixás merece culto específico a partir de determinada região ou

cidade, sendo de caráter local ou regional a orientação na forma de culto, sendo que poucos são os orixás cultuados em todo o território iorubá.

Os africanos de origem banto tiveram contato com o catolicismo ainda na África, principalmente no caso dos que viveram em Luanda ou em outros centros de colonização portuguesa. Este contato anterior facilitou o aparecimento no Brasil de ritos religiosos com estruturas africanas, mas com a presença de elementos católicos. Alguns africanos originários da região da Angola e do Congo aceitaram o catolicismo ou alguns de seus elementos, quando se tornavam membros de diferentes irmandades, predominantes até hoje em algumas religiões.

Existem muitas semelhanças na forma e na intenção entre os cultos de possessão, adivinhação e cura de algumas regiões da África, como Angola e os praticados no Brasil. Tanto lá como aqui foram reunidos nos altares dos ancestrais e espíritos representados por pedras, esculturas de madeiras, cestas -, imagens de santos e de Nossa Senhora. Da mesma forma, nos cultos jêjes e nagôs, voduns e orixás adotaram também santos e rezas católicas, formando um panteão de representações e ritos religiosos sem alterar a natureza das antigas crenças africanas e muito menos as suas maneiras de relação com o sobrenatural. Por outro lado, o costume de cultuar domesticamente santos católicos foi adotado na vida cotidiana brasileira e também o costume de usar objetos preciosos e sagrados junto ao corpo, assim, o catolicismo também passou a fazer parte da vida de afro-descendentes. É a partir disso, "portanto, que o parentesco mitológico entre as várias divindades do panteão africanos, bem como sua posição hierárquica aí estabelecida, devem ser também tomados em consideração quando se analisam as identificações entre esses deuses e os santos católicos equivalentes". (BASTIDE, 1971, 363)

Na América, são conhecidos e reconhecidos cerca de 20 orixás e tanto no Brasil como em Cuba, são poucos os orixás cultuados em todo o território desses países.

A partir disso, foi elaborado um organograma que tem por referência estas obras: Mitologia dos Orixás (PRANDI, 2007), Contos e Lendas Afro-brasileiros, A Criação do Mundo (PRANDI, 2007) e Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros (CACCIATORE, 1988). Tal organograma contempla os principais orixás conhecidos no Brasil e ainda mostra algumas de suas características principais.

Exu[2] é o orixá que está sempre presente, afinal, o culto dos demais orixás depende da sua tarefa de mensageiro. Sem a sua presença, orixás e humanos não podem se comunicar. Exu também é chamado de Legba, Bará e Eleguá e sem a sua participação na vida e na natureza, não existe mudança, movimento e reprodução. Na época da colonização e dos primeiros contatos das missões religiosas cristãs com os iorubás na África, Exu foi grosseiramente associado pelos europeus com o diabo e Exu ainda carrega esse peso até os dias de hoje.

O culto aos orixás femininos não pode ser totalmente realizado sem a senhora das grandes águas, mãe dos deuses e dos homens, Iemanjá. Ela é uma das mães primordiais e está presente em vários

mitos que narram sobre a criação do mundo. Em terras brasileiras, ganhou a soberania sobre os oceanos e mares, regidos na África por Olocum, orixá esquecido no Brasil e pouco lembrado em Cuba. Olocum é a antiga senhora das profundezas da vida, dos mistérios ocultos e dos orixás. A celebração de Iemanjá na África está associada ao rio Níger e pode ser observada em torno das celebrações de divindades femininas primordiais.

Associado a esse culto das mães primeiras, encontraremos dois orixás infantis muito lembrados no Brasil, os gêmeos Ibejis, os orixás crianças que orientam e presidem a infância e a fraternidade e mesmo o lado infantil dos adultos.

Oxalá é o representante direto do Ser Supremo, Olorum e, por isso, encabeça o panteão da Criação. Oxalá ou Obatalá, também conhecido por Orixanlá e Oxalufã, é o criador do homem e senhor absoluto do ar, da respiração e da vida. Devido a esses atributos, é chamado de o Grande Orixá, Orixá Nlá. É um orixá muito respeitado tanto pelos seus devotos como pelas demais divindades, pois muitos orixás são identificados como filhos seus.

Odudua é o criador da Terra, ancestral dos iorubás e este orixá mantém íntima ligação com Oraniã, o responsável pelo aparecimento das cidades. Na África há um conflito entre os partidários de Odudua e Oxalá, mas, no Brasil, Odudua foi esquecido e desapareceu quase por completo, sendo confundido com características do próprio Oxalá.

Os iorubás crêem que mulheres e homens descendem dos orixás, não tendo, pois, uma origem única como no cristianismo. Cada pessoa herda um orixá e é desta divindade que provém suas características e marcas particulares e, "quando se sabe qual é o orixá da pessoa, pode-se antever como ela se comportará no dia-a-dia, pois se acredita que o ser humano herda preferências, desejos, temores e modos de agir próprios de seu orixá. Agem de acordo com o que os mitos contam. Tal pai, tal filho." (PRANDI, 2007, 203)

Os orixás sofrem e alegram-se, perdem e vencem, amam e odeiam, conquistam e são conquistados. Os humanos são cópias dessas características e desses conflitos, afinal, destes descendem.

Alguns orixás se enquadram em mais de um elemento. Além das características gerais dos elementos, cada orixá tem as suas próprias. Cada um com sua biografia mítica, sua ocupação na divisão do trabalho, seu lugar específico na família dos deuses. No candomblé, acredita-se que homens e mulheres herdaram as características dos orixás dos quais descendem espiritualmente. (PRANDI, 2007, 200).

Os mitos dos orixás fazem, originalmente, parte dos poemas cantados pelos babalaôs. Versam sobre a criação do mundo e de como que este foi repartido entre os orixás. Como os iorubás não detinham a técnica da escrita, todas essas narrativas eram transmitidas oralmente.

No período da diáspora africana, os mitos iorubás reproduziram-se na América, em especial nas regiões no qual havia seguidores das religiões dos orixás: Brasil e Cuba. Foi a partir do século XIX, primeiramente por estudiosos estrangeiros e posteriormente por letrados iorubás que começaram a escrever essas narrativas mitológicas.

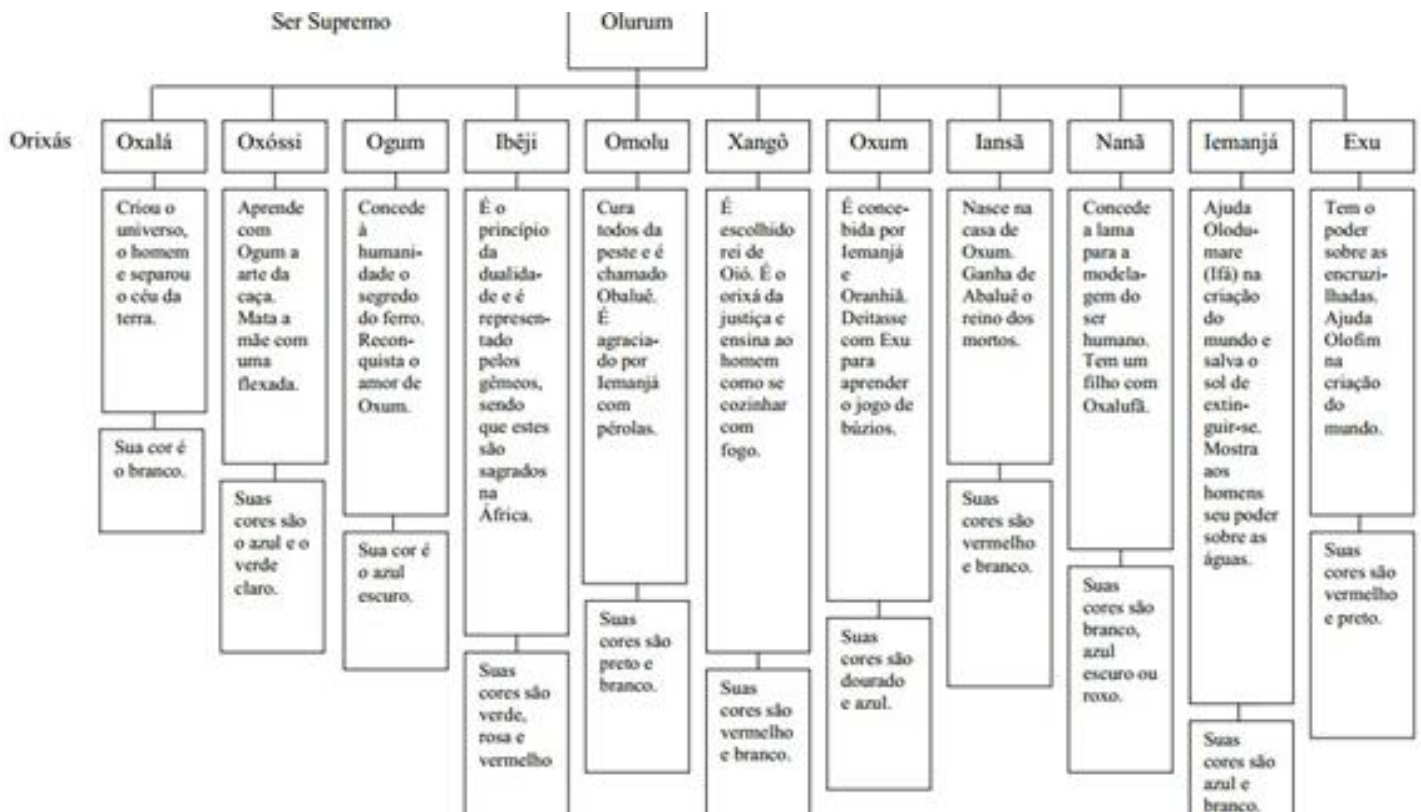
Em meados da década de 1930, cientistas sociais e escritores iniciaram com mais afinco o registro sobre os mitos dos orixás. Nos anos 30, o antropólogo Artur Ramos escreveu que a mitologia iorubá no Brasil estava totalmente perdida. Foi com Roger Bastide que houve o profundo discernimento de que os mitos não eram apenas narrativas sobre diversas histórias, mas uma profunda fonte cultural e de pesquisas, que se revela em vários lugares: festas religiosas, terreiros, danças, organizações políticas etc.



Autor: Prof. Felipe Luiz Figueira

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977
- LOPES, Nei. **Dicionário Escolar Afro-Brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2006
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- \_\_\_\_\_. **Contos e lendas afro-brasileiros a criação do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007
- SILVA, W. W. da Matta e (Yapacani). **Umbanda do Brasil**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1969



**CONFIRA O RESULTADO DO CONCURSO PARA ESCOLHA DE CHARGE E POESIA PARA A SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA:**

*a limpeza. E tudo isso por ser negra e pobre. Obs.: não em todos os casos”.*

**CHARGE**

**Desigualdade Social no Brasil**



**Autor: Natan de Oliveira H. da Silva – aluno do 2º ano Técnico em Informática**

**Visão do Autor:** “Se a menina se formasse em Gastronomia, não poderia ingressar em sua área, pois nenhum restaurante a contrataria ou a contrataria para

**POESIA**

**Consciência Negra**

Somos filhos somos negros  
Somos únicos e herdeiros  
Herdeiros da cor  
Mas não livres da dor

Somos chamados de negros  
Ou até mesmo de “pretinhos”  
Mas somos pessoas de muito carinho  
Que orgulhosamente exaltamos nosso ninho

A luta jamais cessará  
Lutaremos até aguentar  
Isso é luta isso é raça

Mas tenho em mim  
Uma profunda dor  
Daqueles que um dia nos dominaram  
E que nos fizeram trabalhar

Seja negro, seja branco ou amarelo,  
Mas saiba que são todas cores belas  
Todos juntos pela diversidade racial.

**Autor: Natan de Oliveira H. da Silva - aluno do 2º ano Técnico em Informática**

**EDIÇÃO:** Renata de S.P. Antunes, Felipe Figueira, Pedro Henrique Marques e Lucas Silva